

PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA FÍSICA NO FUTEBOL FEMININO E MASCULINO: UM ESTUDO COM JOVENS ATLETAS E SEUS PAIS

**Ana Mateus, Cláudia Dias, Nuno Corte-Real, Júlio Garganta e
António Manuel Fonseca.**

**Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto
(CIFID2) Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal**

RESUMO: O presente estudo teve como objectivo estudar as percepções de competência física de jovens futebolistas, bem como as percepções que seus pais possuíam relativamente à competência física dos seus filhos. Participaram 119 atletas de ambos os sexos (37% raparigas), entre os 13-17 anos e 213 pais (49% mães), entre os 29-69 anos. As autopercepções dos atletas e as percepções dos seus pais foram avaliadas com recurso a escalas adaptadas de instrumentos utilizados anteriormente por Fredricks e Eccles (2005) para avaliar estes construtos. Os resultados mostraram que os rapazes se percepcionavam fisicamente como mais competentes, e que apenas nestes existia uma relação significativa positiva entre a idade e a percepção de competência. Adicionalmente, verificou-se que apesar de ambos os pais terem percepções elevadas da competência física dos seus filhos, os pais das raparigas tinham opiniões mais favoráveis. Finalmente, verificou-se que os pais percepcionavam os seus filhos como mais competentes do que eles próprios.

PALAVRAS-CHAVE: percepção de competência física, atletas, pais, futebol

RESUMEN: La presente investigación tuvo como objetivo estudiar las percepciones de competencia física de jóvenes futbolista y las percepciones que sus padres poseían de la competencia física de sus hijos. Participaron 119 atletas de ambos los sexos (37% chicas), entre 13-17 años y 213 padres (49% madres) entre 29-69 años. Las autopercepciones de los atletas y las percepcio-

nes de sus padres fueran evaluadas con escalas adaptadas de instrumentos utilizados anteriormente por Fredricks e Eccles (2005) para evaluar estes construtos. Los resultados muestran que los chicos se percibían como más competentes, y que solo en ellos existía una relación significativa positiva entre la edad y la percepción de competencia. Aún se verificó que a pesar de ambos los padres teneren percepciones elevadas de la competencia de sus hijos, eran los padres de las chicas que tenían opiniones más favorables. Finalmente, se verificó que los padres percibían sus hijos como más competentes que ellos mismos.

PALABRAS CLAVE: Percepción de competencia física, atletas, padres, fútbol

ABSTRACT: The present investigation aimed to examine young soccer players' self-perceptions of physical competence, as well as their parents' perceptions of their physical competence. One-hundred and nineteen soccer players of both sexes (37% females), aged between 13-17 years old and 213 parents (49% mothers), aged between 29-69 years old, participated in this study. Athletes' self-perceptions and parents' perceptions were measured by a questionnaire based on an adaptation of previously used instruments on athlete's self-perceptions and parents' perceptions of their child's physical competence by Fredricks and Eccles (2005). The results showed that boys had higher perceptions of their competence in soccer. Furthermore, significant positive correlations were found between boy's self-perceptions and age. Additionally, although both parents' perceptions' of their child's competence were overall elevated, parents of girls expressed more favorable opinions regarding their child's competence than did parents of boys. Finally, parents' perceptions of their child's competence in soccer were higher than athletes' self-perceptions.

KEY-WORDS: perceptions of physical competence, athletes, parents, soccer.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de desenvolvimento da criança, o seu comportamento é, em parte, influenciado pela motivação que esta demonstra ao envolver-se numa actividade, um aspecto que está intimamente ligado à autopercepção de competência na realização dessa actividade (Valentini, 2002a). Assim, é necessário que haja um fortalecimento das competências no contexto onde a criança se insere, pois se esse contexto for de

aprendizagem (onde é valorizada a conquista pessoal, a autoridade, o esforço, a auto-superação, os critérios de auto-avaliação, o trabalho de grupo e a maestria de habilidades), a sua competência e percepção serão fortalecidas (Ames, 1992; Meece, Anderman, e Anderman, 2006; Valentini, Rudisill, e Goodway, 1999a, 1999b). No caso específico do desporto, existem evidências de que as crianças e jovens procuram demonstrar as suas competências e estruturar a sua per-

cepção com base na forma como alcançam os objectivos a que se propõem (Ames, 1992; Fonseca, 1999; Guzmán, García, e Cervelló, 2005; Meece et al., 2006), sendo particularmente relevante o modo como se percebem no domínio físico (i.e., a sua percepção de competência física).

No entanto, também é verdade que o nível de autopercepção física é muito variável e incerto (Soares, 2004), pois o modo como os indivíduos se percebem é específico de pessoa para pessoa (Brandão, Morgado, Machado, e Almeida, 2008; Fonseca, 1999), já que estas apresentam diferentes emoções, expectativas e motivações (Brandão et al., 2008). Nesta medida, alguns investigadores têm procurado analisar a existência de diferenças, ao nível do género, na percepção de competência física no desporto.

A este nível, apesar de algumas investigações terem concluído que as raparigas se percebiam como mais competentes fisicamente que os rapazes (e.g. Ducharme, 2000; Piffero, 2007) e, outras terem encontrado valores similares de percepção de competência em atletas dos dois sexos (e.g. Fonseca, 1993; Valentini, 2002b), a maior parte dos estudos realizados em Portugal (e.g., Bernardo e Matos, 2003; Costa e Faria, 2002; Faria e Fontaine, 1995; Ferreira, Fernandes, e Vasconcelos-Raposo, 2007), e no estrangeiro (e.g., Bois, Sarrazin, Brustad, Trouilloud, e Cury, 2002, 2005; Brustad, 1993; Hellín Gómez, Moreno Murcia, e Rodríguez García, 2006; Villamarín, Maurí, e Sanz,

1998; Villwock e Valentini, 2007), concluíram que os rapazes se autopercebiam de modo superior às raparigas. Alguns destes resultados são explicados (a) pelo facto de os pais dos rapazes mostrarem níveis mais elevados de actividade física que os pais das raparigas (Bois et al., 2005), (b) pelo maior encorajamento por parte dos pais para com os filhos (Brustad, 1993), (c) pelo facto de os rapazes serem mais encorajados e valorizados para a prática de desportos que a raparigas (Costa e Faria, 2002), (d) pela maior influência dos pais nos rapazes do que nas raparigas (Brustad, 1993; Greendorfer, Lewko, e Rosengren, 2002), (e) pela tendência que as crianças têm para responder aos estereótipos sociais em relação ao desporto (Hellín Gómez et al., 2006) e (f) pelo facto de os rapazes tradicionalmente apresentarem valores superiores de competência atlética que as raparigas (Faria e Fontaine, 1995).

A propósito destes resultados e interpretações, poderíamos contrapor que apesar de os rapazes serem geralmente apontados como estando mais ligados ao desporto do que as raparigas, actualmente, com a crescente visibilidade da mulher e com o aumento da sua participação desportiva nas sociedades ocidentais, o desporto se tem tornado cada vez menos estereotipado e preconceituoso. Todavia, o facto é que ainda há desportos onde estas características se vão identificando, principalmente naqueles considerados “masculinos”, como é o caso do futebol (Bois et al., 2002; Chaves, 2007; Júnior e Darido, 2002).

Para além do sexo, a percepção de competência física também parece estar intimamente relacionada com a idade das crianças e jovens. Por volta dos 11-12 anos, com o desenvolvimento do pensamento das operações formais e das novas habilidades cognitivas, as autodescrições concretas, centradas em aspectos externos do comportamento, são substituídas por autodescrições mais abstratas, centradas em aspectos internos e psicológicos (Atienza, Balaguer, e Moreno, 2002; Harter, 1982). Estas autodescrições, por estarem mais sujeitas a distorções e enviesamentos cognitivos, podem promover autopercepções mais irrealistas e comportamentos desajustados (Atienza et al., 2002; Harter, 1982), o que se pode constituir como uma justificação para os resultados encontrados em diversos estudos que sugerem que a percepção de competência diminui com a idade (e.g. Bernardo e Matos, 2003; Costa e Faria, 2002; Faria e Fontaine, 1995; Fontaine, 1991; Sollerhed, Apitzsch, Rastam, e Ejlertsson, 2008; Villamarín et al., 1998). Outra razão apontada para estes resultados prende-se com o desenvolvimento maturacional, pois com este advém um crescente realismo do conceito de si próprio, que leva a que haja redução dos níveis anteriores de competência física (Costa e Faria, 2002; Craft, Pfeiffer, e Pivarnik, 2003; Monsma, Malina, e Feltz, 2006; Niven, Fawkner, Knowles, e Stephenson, 2007). Porém, também existem estudos que contrariam estes dados. Matos (1999) e Piffero (2007), por exemplo, concluíram que as crianças mais velhas apresenta-

vam níveis mais elevados de percepção de competência do que as mais novas, tendo sido sugerido que com o aumentar da idade, há uma consciência mais correcta das crianças relativamente às suas capacidades (Matos, 1999). Outras investigações não encontraram diferenças significativas na percepção de competência em função da idade (Fonseca, 1993; Valentini, 2002b; Villwock e Valentini, 2007).

Por outro lado, o papel dos pais na formação da percepção de competência física dos seus filhos também não pode ser descurado, pois os primeiros são fortes modeladores das crenças sobre a competência pessoal dos segundos, e, ao entenderem favorável e positivamente um desporto, irão transmitir influências positivas e de encorajamento, bem como crenças ou convicções pessoais acerca do que as crianças conseguem fazer. Estas influências e crenças condicionarão de forma positiva a sua percepção de competência física, a atracção e o envolvimento na actividade desportiva (Brustad, 1992, 1993; Brustad e Partridge, 2002; Greendorfer et al., 2002; Horn e Horn, 2007). Num estudo realizado no futebol por Babkes e Weiss (1999), por exemplo, verificou-se que os jovens que demonstraram maior satisfação, competência percebida e motivação foram aqueles que sentiram maior envolvimento dos pais sobre a forma de instrução e assistência aos jogos e menor pressão para jogarem bem. Contrariamente, se o apoio dos pais for negativo (de desaprovação), a criança muito provavelmente desenvolverá um

sentimento de competência diminuído (Brustad, 1992), adoptando um comportamento negativo face à actividade desportiva. A longo-prazo, este comportamento é difícil de modificar, dado que a criança entenderá o êxito como algo temporário ou como fruto da sorte e acreditará que, em situações posteriores, tudo voltará a correr mal (Gallahue e Ozmun, 2005).

Por outras palavras, as crenças ou convicções pessoais dos adultos significativos relativamente ao que as crianças conseguem ou não fazer vão condicionar o modo como estas se percebem a si próprias. Na verdade, diversos investigadores sugerem que a percepção de competência das crianças é mais consistente com as expectativas dos pais, ou com aquilo que eles pensam ser as suas expectativas, do que como o seu desempenho real (Bois et al., 2002; Brustad, 1993; Brustad, Babkes, e Smith, 2001; Brustad e Partridge, 2002; Gallahue e Ozmun, 2005; Gomes, 1997; Villwock e Valentini, 2007; Weiss, 2000). Logo, é importante que os pais tenham noção do modo como podem influenciar os seus filhos na construção e desenvolvimento da sua percepção de competência. Quanto mais favorável for a percepção que possuem relativamente à competência física dos seus filhos, mais positivo é o modo como a criança se avalia (Bois et al., 2002; Brustad, 1993).

Finalmente, importa salientar que a influência parental pode apresentar padrões distintos quando especificamos o papel dos pais e das mães no envolvimento dos seus filhos no desporto (e na

sua percepção de competência), já que os dois progenitores podem não partilhar das mesmas apreciações relativamente à aptidão e habilidade dos seus filhos. Bois et al. (2002), por exemplo, encontraram apenas uma relação significativa entre mãe e filha no que respeita à percepção de competência física das últimas. Segundo os autores este resultado podia estar relacionado com (a) os diferentes comportamentos das mães relativamente aos filhos, (b) a maior sensibilidade das filhas para com o comportamento das mães, (c) a diminuta sensibilidade dos filhos relativamente às percepções e comportamento das suas mães e, ainda, (d) com o facto de os filhos não considerarem as mães fontes fiáveis de informação sobre a sua competência física, quando comparadas com os pais (principalmente quando se tratava de desportos tipicamente masculinos). Numa investigação posterior, os mesmos autores verificaram que padrões distintos de influência das mães e dos pais na prática desportiva dos seus filhos não estavam relacionados com o sexo da criança, mas sim com o do progenitor (Bois et al., 2005). Paralelamente, investigações realizadas por Brustad (1993), Gutiérrez e Escartí (2006), e Moraes et al. (2004), concluíram que a mãe era o agente menos influente, tantos nos rapazes como nas raparigas. No estudo de Moraes et al., realizado no futebol, a razão apontada para este resultado foi o facto de as mães não praticarem esta modalidade, levando a que, provavelmente, não a conhecessem bem; como tal, não participavam activamente no

envolvimento do seu filho, deixando esse papel para os pais, que jogavam e conheciam o futebol. Finalmente, outros estudos (Brustad, 1993; Greendorfer et al., 2002) mostraram que os rapazes eram mais influenciados que as raparigas por ambos os pais.

Decorrendo do exposto anteriormente, a presente investigação procurou perceber melhor como é que jovens jogadores de futebol se percebiam a si próprios fisicamente, e qual o padrão de inter-relações entre a sua percepção de competência física e o modo como os seus pais os percebiam a esse nível. Saliente-se, como foi anteriormente referido, que apesar de o futebol continuar a ser uma modalidade tipicamente masculina, nos últimos anos, o interesse e o número de praticantes do sexo feminino tem vindo a aumentar (Oliveira, Junior, Mansano, e Simões, 2006; Santos e Bandeira, 2009). No entanto, esse interesse pela prática não parece reflectir-se ao nível da investigação, uma vez que continuam a ser raros estudos com futebolistas que incluam praticantes do sexo feminino, não existindo mesmo algum, que seja do nosso conhecimento, que tenha procurado estudar, na modalidade em questão e em atletas de ambos os sexos, as percepções parentais e autopercepções de competência física dos atletas.

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes

No presente estudo participaram 119 jogadores de futebol (63% sexo masculi-

no e 37% sexo feminino), com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos ($15,45 \pm 1,24$) e 213 pais (51% pais e 49% mães), com idades entre os 29 e os 69 anos ($44,84 \pm 5,99$).

Como limite inferior de idade para os atletas deste estudo definimos os 13 anos, pois o número de jogadoras de futebol feminino com idade abaixo desse limite é quase inexistente; como limite superior possuímos os 17 anos, uma vez que quanto mais se avança na idade menor é a influência dos pais sobre os seus filhos (Brustad e Partridge, 2002; Gallahue e Ozmun, 2005) e, a partir dessa idade, o jovem começa a entrar na idade adulta.

Relativamente aos pais, saliente-se o facto de 62% terem praticado desporto. Destes, 22% (41% pais e 59% mães) ainda se encontravam em actividade, enquanto 78% já estavam inactivos. Quanto aos anos de prática, os pais que praticavam desporto actualmente faziam-no aproximadamente há 16 (± 13) anos, e os que já não praticavam, mas que o tinham feito no passado, fizeram-no durante aproximadamente 10 (± 9) anos.

Instrumentos

Os questionários administrados aos atletas e aos seus pais incluíam, para além de secções destinadas a recolher dados demográficos (e.g., sexo, idade) e desportivos (e.g., anos de prática) dos participantes no estudo, escalas que visavam avaliar a autopercepção de competência dos jogadores (aplicada aos atletas) e a percepção de competência

que os pais tinham dos seus filhos (aplicada aos pais). Estas escalas basearam-se na Child's Perception of Sport Competence e na Parents' Perceptions of Child's Sport Ability, desenvolvidas originalmente por Fredricks e Eccles (2005) e traduzidas e adaptadas para a língua portuguesa por Dias e Fonseca (2009). Ambos os instrumentos incluem cinco itens (e.g., atletas – “Como avalias a tua competência para praticar futebol?”; e.g., pais “Como avalia a competência do(a) seu(sua) filho(a) para praticar futebol?”) respondidos numa escala tipo Likert de 1 (muito fraca) a 5 (muito boa), correspondendo os valores mais elevados a níveis de percepção de competência mais elevados e os valores mais baixos a níveis de percepção de competência mais baixos. A análise da consistência interna, com recurso ao alfa de Cronbach revelou valores aceitáveis para ambas as escalas ($\alpha_{\text{atletas}}=.71$; $\alpha_{\text{pais}}=.77$).

Procedimentos

Inicialmente, foi realizado um pedido de autorização aos coordenadores ou directores dos clubes, para a administração dos questionários. Após uma resposta positiva por parte destes, foi pedida permissão aos encarregados de educação para o preenchimento dos questionários por parte dos seus educandos, dando-lhes conhecimento do objectivo do estudo, explicando em que consistia o referido questionário e garantindo o anonimato no preenchimento e tratamento de dados. Com a devida autorização, foram distribuídos os questioná-

rios aos jogadores, explicando-lhes previamente como o tinham de preencher e qual o objectivo do estudo. Depois do preenchimento e recolha dos questionários dos jogadores, foi-lhes entregue um envelope com os questionários que tinham de entregar aos seus pais, os quais, após serem preenchidos, também deveriam ser colocados num envelope, a devolver fechado à investigadora.

Para a análise estatística das variáveis em estudo foi utilizado o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 17.0. Para a descrição dos dados foram usados os valores da média e desvio-padrão. O teste t para amostras independentes foi utilizado para comparar médias entre amostras não emparelhadas (e.g. sexo feminino vs. sexo masculino; pais vs filhos). O coeficiente de correlação de Pearson foi usado para medir o grau de correlação entre a percepção de competência e a idade dos atletas. O nível de significância foi estabelecido em 5% (Pestana e Gageiro, 2008).

Finalmente, importa salientar que o presente estudo foi realizado no âmbito de um projecto de investigação aprovado pelo Laboratório de Psicologia da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal).

RESULTADOS

Como é que os jogadores de futebol se percebem fisicamente?

Na Tabela 1, são apresentados os valores médios correspondentes à percepção de competência física dos joga-

dores de futebol quando considerada a amostra total, assim como a comparação da percepção de competência dos jogadores dos dois sexos. Como se pode verificar, de uma forma geral, os atletas participantes neste estudo apresentavam

valores relativamente elevados de percepção de competência física, mas os jogadores do sexo masculino percebiam-se de forma significativamente superior às jogadoras.

Tabela 1. Percepção de competência física dos jogadores. Análise da amostra global e diferenças em função do sexo

	<i>N</i>	<i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i> para amostras independentes
Amostra global	119	3.86 ± .54	-
Masculino	75	3.95 ± .48	<i>t</i> = 2.45; <i>p</i> = .02
Feminino	44	3.70 ± .61	

No que respeita à relação da percepção de competência dos jogadores com a idade, não foi encontrada uma relação significativa na amostra total, mas quando considerada a relação entre

as duas variáveis nos jogadores dos dois sexos separadamente, constatámos a existência de uma relação positiva significativa entre a idade e a percepção de competência nos rapazes (Tabela 2).

Tabela 2. Percepção de competência física dos jogadores. Análise em função do da idade

Percepção de Competência Física	Idade		
	Total	Sexo masculino	Sexo feminino
	.06	.25*	-.19

* *p* < .05

Como é que os pais dos jogadores de futebol percebem fisicamente os seus filhos?

No que respeita às percepções que os pais possuíam relativamente à competência dos seus filhos, verificámos que estas pareciam ser substancialmente ele-

vadas na amostra global (i.e., considerando ambos os progenitores). Adicionalmente, apesar de, comparativamente aos pais, as mães parecerem perceber os seus filhos como mais competentes, esta diferença não era estatisticamente significativa (Tabela 3).

Tabela 3. Percepção dos pais relativamente à competência física dos seus filhos. Análise da amostra global e em função do sexo

	<i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i> para amostras independentes
Pais (pai e mãe)	4.13 ± .55	-
Mães	4.16 ± .57	<i>t</i> = - .72; <i>p</i> = .50
Pais	4.10 ± .53	

Quando se analisou se as percepções dos pais (em conjunto) eram distintas no caso de o filho ser rapaz ou rapariga, constatou-se que os pais das raparigas

possuíam percepções de competência significativamente mais elevadas relativamente à competência física das filhas do que os pais dos rapazes (Tabela 4).

Tabela 4. Percepção dos pais relativamente à competência física dos seus filhos. Análise em função do sexo dos filhos

	<i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i> para amostras independentes
Pais (pai e mãe) de jogadores do sexo masculino	4.07 ± .56	<i>t</i> = -2.02; <i>p</i> = .04
Pais (pai e mãe) de jogadoras do sexo feminino	4.23 ± .52	

Por outro lado, quando fomos verificar se existiam diferenças na forma como os jogadores dos dois sexos eram avaliados ao nível da competência física pelo pai e pela mãe, separadamente, não foram encontradas diferenças significati-

vas. Ainda assim, parecia existir uma tendência para as jogadoras serem vistas como mais competentes que os jogadores, quer pelos pais, quer pelas mães (Tabela 5).

Tabela 5. Percepção dos pais relativamente à competência física dos seus filhos. Análise em função do sexo de ambos

	<i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i> para amostras independentes
Pai de jogadores do sexo masculino	4.04 ± .53	<i>t</i> = -1.77; <i>p</i> = .08
Pai de jogadores do sexo feminino	4.22 ± .52	
Mãe de jogadoras do sexo masculino	4.11 ± .60	<i>t</i> = -1.08; <i>p</i> = .28
Mãe de jogadoras do sexo feminino	4.23 ± .52	

Qual a relação entre a percepção de competência física dos jogadores de futebol e as percepções dos seus pais?

Posteriormente, procurámos analisar a relação entre a autopercepção de competência física dos jogadores e o modo como os pais os percecionavam fisicamente, tendo sido encontradas dife-

renças significativas entre as respectivas percepções. Mais especificamente, constatou-se que os pais, quando considerados conjuntamente (i.e., pais e mães em simultâneo), avaliavam a competência física dos filhos de um modo mais favorável que os próprios jogadores (Tabela 6).

Tabela 6. Comparação da percepção dos pais relativamente à competência física dos seus filhos e da autopercepção de competência física dos jogadores (amostra global)

	<i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i> para amostras independentes
Pais (pai e mãe)	4,3 ± .55	<i>t</i> = -4.36; <i>p</i> = .00
Filhos	3.86 ± .54	

Por último, para obter dados mais precisos sobre a relação entre a percepção que pais e os jogadores tinham sobre a competência dos filhos dos

segundos, os dados foram comparados em função do sexo de ambos (i.e., dos filhos e dos pais). Os resultados mostraram a existência de diferenças significati-

vas entre a autopercepção de competência das jogadoras e as percepções de ambos os progenitores (i.e., pai e mãe separadamente); em ambos os casos, os pais tinham percepções mais elevadas que as filhas. Os filhos também pare-

ciam possuir autopercepções de competência física menos elevadas que as percepções dos pais e das mães, mas estas diferenças não eram significativas (Tabela 7).

Tabela 7. Comparação da percepção dos pais relativamente à competência física dos seus filhos e da autopercepção de competência física dos jogadores (análises separadas, em função do sexo de ambos)

	<i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i> para amostras independentes
Pai	4.04 ± .53	<i>t</i> = -0.99; <i>p</i> = .32
Filho	3.95 ± .48	
Mãe	4.11 ± .60	<i>t</i> = -1.74; <i>p</i> = .09
Filho	3.95 ± .48	
Pai	4,22 ± .52	<i>t</i> = -0.42; <i>p</i> = .00
Filha	3.70 ± .61	
Mãe	4.23 ± .52	<i>t</i> = -4.32; <i>p</i> = .00
Filha	3.70 ± .61	

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Com o presente trabalho, pretendeu-se estudar as autopercepções de competência física de jogadores de futebol de ambos os sexos, a percepção que os seus pais tinham da competência física dos seus filhos e a relação entre ambas as percepções.

Em primeiro lugar é necessário referir que a população estudada tinha “características especiais”, uma vez que se tratou de uma investigação realizada no futebol, um desporto tradicionalmente masculino, mas na qual também

se incluíram jogadoras do sexo feminino. Neste contexto, talvez não tenha sido totalmente surpreendente o facto de os atletas do sexo masculino terem apresentado níveis significativamente mais elevados de percepção de competência física que os atletas do sexo feminino. Refira-se ainda que devido à visibilidade mediática do futebol, e porque se vê na prática desta modalidade um trampolim para um futuro melhor, é frequente o pai investir particularmente na formação do seu filho, o que pode promover neste uma percepção de competência mais

elevada, não existindo, de uma forma geral, o mesmo interesse pela filha quando é esta que pratica, resultados que estão em sintonia com diversos estudos, realizados quer em Portugal (Bernardo e Matos, 2003; Costa e Faria, 2002; Faria e Fontaine, 1995; Ferreira et al., 2007), quer no estrangeiro (e.g., Bois et al., 2002, 2005; Brustad, 1993; Hellín Gómez et al., 2006; Villamarín et al., 1998; Villwock e Valentini, 2007).

No que concerne à relação entre a idade dos jogadores e a percepção de competência, não encontramos uma relação significativa entre estas variáveis na amostra total. A este respeito saliente-se que, apesar de estes resultados corroborarem investigações de Fonseca (1993), Valentini (2002b) e Villwock e Valentini (2007), na literatura não existe um consenso no que respeita à relação entre estas duas variáveis. De facto, enquanto uns autores afirmam que com o aumento da idade a percepção de competência aumenta (e.g., Matos, 1999; Piffero, 2007), outros afirmam que esta diminui (e.g., Atienza et al., 2002; Bernardo e Matos, 2003; Costa e Faria, 2002; Craft et al., 2003; Faria e Fontaine, 1995; Fontaine, 1991; Harter, 1982; Monsma et al., 2006; Niven et al., 2007; Sollerhed et al., 2008; Villamarín et al., 1998). Adicionalmente, o facto de se ter verificado uma correlação positiva entre as variáveis em questão, quando se consideraram apenas os rapazes, pode constituir mais um indicador de que efectivamente são necessárias investigações que esclareçam esta relação, designadamente no futebol, focando-se especificamente

nos efeitos interactivos da idade e do género ao nível da percepção da competência.

Relativamente à percepção que os pais tinham da competência física dos seus filhos, designadamente no que respeita ao facto de as jogadoras parecerem ser vistas como mais competentes que os jogadores, importa começar por salientar que estes dados, não eram esperados, muito menos num desporto tipicamente masculino. Além disso, na literatura não encontramos resultados similares, nesta ou em outras modalidades, mas sim dados que mostram que os rapazes são mais influenciados, encorajados e valorizados que as raparigas (Brustad, 1993; Costa e Faria, 2002; Greendorfer et al., 2002), e que as expectativas relativamente a estes são superiores (Oliveira, 2000). No entanto, tal como referido inicialmente estudámos uma “população especial”. Primeiro, como os jogadores participantes eram menores de idade, para jogarem futebol competitivo necessitaram da autorização dos seus pais. Se estes autorizaram, parte-se do princípio que aceitaram o envolvimento do(a) seu(sua) filho(a) no futebol e, no caso das raparigas, poderá supor-se que começaram a aceitar a sua introdução nesta modalidade. Além disso, como estamos a falar de crianças e jovens que necessitam do auxílio dos pais para o transporte e financiamento da sua prática, é também razoável supor que estes começam a assistir aos treinos, não só dos seus filhos, mas agora também das filhas, sendo natural que os pais também se comecem

a aperceber da competência das suas filhas no futebol. Por último, como presumivelmente o futebol feminino ainda é comparado com o futebol masculino e ainda não é visto, por todos, como um desporto com a sua própria cultura, estilo e valores, é normal que os pais exijam, para a mesma tarefa, mais dos rapazes que das raparigas. Como tal, poderá ser natural que as percepções relativamente à competência das raparigas seja maior que as dos rapazes, já que o nível de exigência que lhes é imposto é menor. Ainda assim, futuramente seria importante aprofundar as razões que estão na génese da formação das percepções dos pais relativamente à competência dos seus filhos e filhas, designadamente nesta modalidade tão particular. Isso torna-se ainda mais importante se recordarmos que os pais são importantes na formação da percepção de competência dos filhos, sendo esta mais consistente com as expectativas dos pais ou com aquilo que elas pensam ser as suas expectativas, do que com o próprio desempenho do jovem (Bois et al., 2002; Brustad, 1993; Gallahue e Ozmun, 2005). No entanto, na presente investigação parecia existir uma certa disparidade no que respeita à forma como os jogadores de futebol, designadamente os do sexo feminino, se percebiam fisicamente, e a forma como os seus pais os percebiam. Por outras palavras, as percepções que os rapazes tinham da sua competência pareciam estar mais próximas das percepções dos pais, do que a das raparigas. Embora na presente investigação estes dados não sejam preocu-

pantes, uma vez que quer os pais quer a mãe relatavam percepções mais elevadas que as das suas filhas, a questão que se pode colocar reporta-se então à forma como os pais transmitem aos filhos a forma como os percebem fisicamente (e.g., feedbacks, encorajamento, envolvimento), e se estabelecem, a este nível, padrões de interacção diferenciados quando se trata de rapazes ou raparigas. Mediante estes dados, seria interessante, no futuro, aprofundar os mecanismos subjacentes à transmissão de expectativas relativamente ao desporto de pais para filhos, não só em modalidades tipicamente masculinas como o futebol, mas também em domínios tradicionalmente femininos (e.g., ginástica rítmica, dança).

REFERENCIAS

- Ames, C. (1992). Classrooms: Goals, structures, and student motivation. *Journal of Educational Psychology, 84*(3), 261-271.
- Atienza, F., Balaguer, I., e Moreno, Y. (2002). El perfil de autopercepciones para niños: Análisis de la validez factorial y la fiabilidad en la versión castellana. *Psicothema, 14*(3), 659-664.
- Babkes, M. L., e Weiss, M. R. (1999). Parental influence on children's cognitive and affective responses to competitive soccer participation. *Pediatric Exercise Science, 11*(1), 44-62.
- Bernardo, R., e Matos, M. (2003). Adaptação portuguesa do Physical Self-Perception Profile for children and youth e do Perceived

- Importance Profile for children and youth. *Análise Psicológica*, 2(XXI), 127-144.
- Bois, J., Sarrazin, P., Brustad, R., Trouilloud, D., e Cury, F. (2002). Mothers' expectancies and young adolescents' perceived physical competence: A yearlong study. *Journal of Early Adolescence*, 22(4), 384-406.
- Bois, J., Sarrazin, P., Brustad, R., Trouilloud, D., e Cury, F. (2005). Elementary schoolchildren's perceived competence and physical activity involvement: The influence of parents' role modelling behaviours and perceptions of their child's competence. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 381-397.
- Brandão, M., Morgado, F., Machado, A., e Almeida, P. (2008). O Futebol e seu significado. *Motriz*, 14(3), 233-240.
- Brustad, R. J. (1992). Integrating socialization influences into the study of children's motivation in sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 14(1), 59-77.
- Brustad, R. J. (1993). Who Will Go Out and Play? Parental and Psychological Influences on Children's Attraction to Physical Activity. *Pediatric Exercise Science*, 5(3), 210-223.
- Brustad, R., Babkes, M., e Smith, A. (2001). Youth in sport: Psychological considerations. In R. Singer, H. Hausenblas e C. Janelle (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 604-635). New York: John Wiley.
- Brustad, R., e Partridge, J. (2002). Parental and peer influence on children's psychosocial development through sport. In F. Smoll e R. Smith (Eds.), *Children and Youth. A Biopsychosocial Perspective* (pp. 187-210). Dubuque: Kendall-Hunt Publishing.
- Chaves, A. S. (2007). O Futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social [Versão electrónica]. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 12, 1. Consult. 2 de Setembro 2009, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>.
- Costa, A., e Faria, L. (2002). Aspectos diferenciais da competência percebida e da competência objectiva em alunos brilhantes. *Sobredotação*, 3(2), 145-164.
- Craft, L. L., Pfeiffer, K. A., e Pivarnik, J. M. (2003). Predictors of physical competence in adolescent girls. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(6), 431-438.
- Dias, C. e Fonseca, A. (2009). *Versões portuguesas da Child's Perception of Sport Competence e da Parents' Perceptions of Child's Sport Ability*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.
- Ducharme, M. (2000). *Elementos para um modelo teórico do desenvolvimento do self: os factores predictores da auto-percepção de competência em crianças de cinco anos*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Faria, L., e Fontaine, A. (1995). Adaptação do Self-Perception Profile for Children (SPPC) de Harter a crianças e pré-adolescentes. *Psicologia*, 10(3).

- Ferreira, S., Fernandes, H., e Vasconcelos-Raposo, J. (2007). A relação entre a percepção de competência física, índice de massa corporal e competência efectiva em jovens praticantes de basquetebol. *Motricidade*, 3(3), 57-72.
- Fonseca, A. (1993). *Percepção da causalidade subjacente aos resultados desportivos*. Dissertação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica não publicada. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fonseca, A. (1999). *Atribuições em contextos de actividade física ou desportiva: perspectivas, relações e implicações*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fontaine, A. (1991). Desenvolvimento do conceito de si próprio e realização escolar na adolescência. *Psicologica*, 5, 13-31.
- Fredricks, J., e Eccles, J. (2005). Family socialization, gender, and sport motivation and involvement. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 27(1), 3-31.
- Gallahue, D., e Ozmun, J. (2005). *Compreendendo o Desenvolvimento motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte Editora.
- Gomes, A. (1997). Aspectos psicológicos da iniciação e formação desportiva: o papel dos pais. In J. Cruz e A. Gomes (Eds.), *I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade física* (pp. 291-319). Braga: Universidade do Minho - APPORT - Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Greendorfer, S., Lewko, J., e Rosengren, K. (2002). Family and gender-based influences in sport socialization of children and adolescents. In F. Smoll e R. Smith (Eds.), *Children and Youth. A Biopsychosocial Perspective* (pp. 153-186). Dubuque: Kendall-Hunt Publishing.
- Gutiérrez, M., e Escartí, A. (2006). Influencia de padres y profesores sobre las orientaciones de metas de los adolescentes y su motivación intrínseca en educación física. *Revista de Psicología del Deporte*, 15(1), 23-45.
- Guzmán, J. L., García, Á. F., e Cervelló, E. G. (2005). Percepción de competencia de las jugadoras y de criterios de éxito del entrenador como predictores de la orientación de metas en balonmano de base. *Revista de Psicología del Deporte*, 14(1), 7-19.
- Harter, S. (1982). The perceived competence scale for children. *Child Development*, 53, 87-97.
- Hellín Gómez, P., Moreno Murcia, J., e Rodríguez García, P. (2006). Relación de la competencia motriz percibida con la práctica físico-deportiva. *Revista de Psicología del Deporte*, 15(2), 219-231.
- Horn, T., e Horn, J. (2007). Family influence on children's sport and physical activity participation, behavior, and psychosocial responses. In G. Tenenbaum e R. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 685-711). New Jersey: John Wiley.
- Júnior, O., e Darido, S. (2002). A prática

- do Futebol feminino no ensino fundamental. *Revista Mortiz*, 8(1), 1-9.
- Matos, B. (1999). *Atração das crianças e jovens do distrito de Coimbra para a prática de desporto escolar - Estudo dos principais factores de socialização para o desporto*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Meece, J., Anderman, E., e Anderman, L. (2006). Classroom goal structure, student motivation, and academic achievement. *Annual Review of Psychology*, 57, 487-503.
- Monsma, E. V., Malina, R. M., e Feltz, D. L. (2006). Puberty and physical self-perceptions of competitive female figure skaters: An interdisciplinary approach. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 77(2), 158-166.
- Moraes, L., Rabelo, A., e Salmela, J. (2004). Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 21-222.
- Niven, A. G., Fawkner, S. G., Knowles, A. M., e Stephenson, C. (2007). Maturational differences in physical self-perceptions and the relationship with physical activity in early adolescent girls. *Pediatric Exercise Science*, 19(4), 472-480.
- Oliveira, J. (2000). *Auto percepções físicas e coesão de grupo, motivação intrínseca e intenção de praticar natação : estudo com participantes em classes de natação de lazer da cidade de Viseu*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Oliveira, S., Junior, H., Mansano, M., e Simões, A. (2006). Futebol feminino de competição: uma análise das tendências do comportamento das mulheres/atletas em competir, vencer e estabelecer metas. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 20(3), 209-218.
- Pestana, M., e Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciência sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Piffero, C. (2007). *Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco: a influência de um programa de iniciação ao ténis*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Santos, O. D., e Bandeira, T. (2009). Futebol e futsal feminino [Versão electrónica]. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 14, 1. Consult. 2 de Setembro 2009, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd135/futebol-e-futsal-feminino.htm>.
- Soares, A. (2004). *Corpo e movimento: Percepção corporal e aptidão física*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Sollerhed, A., Apitzsch, E., Rastam, L., e Ejlerthsson, G. (2008). Factors associated with young children's self-perceived physical competence and self-reported physical activity. *Health Education Research*, 23(1), 125-136.
- Valentini, N. (2002a). A influência de uma intervenção motora no desempenho motor e na percepção de

- competência de crianças com atrasos motores. *Revista Paulista de Educação Física*, 16(1), 61-75.
- Valentini, N. (2002b). Percepção de competência e desenvolvimento motor de meninos e meninas: um estudo transversal. *Movimento*, 8(2), 51-62.
- Valentini, N., Rudisill, M., e Goodway, J. (1999a). Incorporating a mastery climate into physical education: It's developmentally appropriate! *The Journal of Physical Education, Recreation e Dance*, 70(7), 28-32;61.
- Valentini, N., Rudisill, M., e Goodway, J. (1999b). Mastery climate: Children in charge of their own learning. *Teaching Elementary Physical Education*, 10(2), 6-10.
- Villamarín, F., Maurí, C., e Sanz, A. (1998). Competencia percibida y motivación durante la iniciación en la práctica del tenis. *Revista de Psicología del Deporte*, 13, 41-56.
- Villwock, G., e Valentini, N. (2007). Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas publicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. *Revista Brasileira de Educação Física Esporte*, 21(4), 245-257.
- Weiss, M. (2000). Motivating kids in physical activity. *President's Council on Physical Fitness and Sports*, 3(11), 1-8.

Manuscrito recibido: 25/02/2010
Manuscrito aceptado: 07/04/2010

